



Lopes dos Santos

NA MIRA DO VAMPIRO



Série Vaga-Lume

ea

editora ática

Na mira do vampiro
© Lopes dos Santos, 1990

Diretor editorial	Fernando Paixão
Editora assistente	Carmen Lucia Campos
Preparadora	Denise Azevedo de Faria
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisoras	Luciene Lima, Rita Costa

ARTE	
Editor	Marcos de Sant'Anna
Diagramador	Fernando Monteiro
Ilustrador	Fábio André
Coordenadora de composição	Neide Hiromi Toyota
Arte-final	Antonio U. Domiencio Fukuko Saito

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S236m
10.ed.

Santos, Lopes dos, 1961-
Na mira do vampiro / Lopes dos Santos ; ilustrações
Fábio André – 10.ed. – São Paulo : Ática, 2008.
120p. : il. - (Vaga-Lume)

Contém suplemento de leitura
ISBN 978-85-08-03690-5

1. Literatura infantojuvenil. 2. História de terror 3. Vampiros.
I. André, Fábio II. Título. III. Série.

07-3294. CDD 028.5
CDU 087.5

ISBN 978 85 08 03690-5 (aluno)
CL: 731799
CAE:227861

2019
10ª edição
20ª impressão
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.
Avenida das Nações Unidas, 7221 – CEP 05425-902 – São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br
www.coletivoleitor.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



UM VAMPIRO E MUITA DIVERSÃO

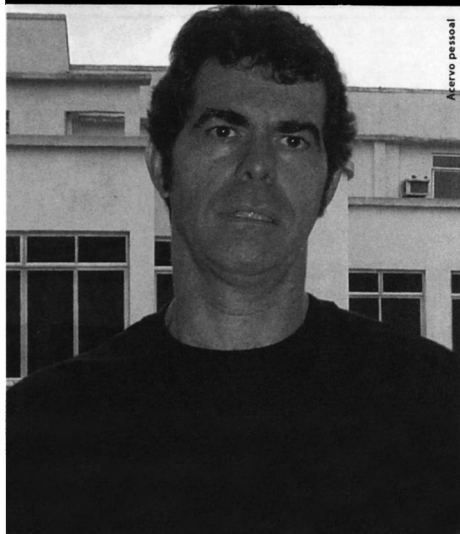


Quem não gosta de histórias de terror? Elas sempre fizeram muito sucesso na literatura e no cinema. Das criaturas sobrenaturais que nos assustam e fascinam há muito tempo, uma tem a franca preferência do público: o vampiro – um morto-vivo que se alimenta de sangue fresco.

E é justamente de vampiros que fala este romance incrível. Nele, Duda convence seu amigo Toninho a participar de uma investigação arriscada: descobrir tudo sobre um vampiro que está à solta na cidade do Rio de Janeiro. Já pensou? A coragem de um deles, mais o bom senso do outro, serão suficientes para garantir o sucesso da missão?

Descubra a resposta mergulhando nesta história que não é só mistério e suspense: há muitas situações engraçadas que tornam a leitura uma delícia. Agora, faça como Duda e Toninho, pegue uma coroa de alhos, um crucifixo e uma estaca de madeira... e boa sorte.

CONHECENDO LOPES DOS SANTOS



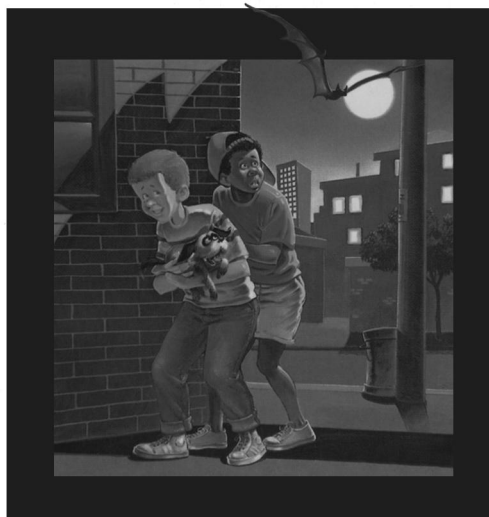
Cláudio José Lopes dos Santos nasceu em 2 de novembro de 1961, no Rio de Janeiro. Começou a escrever aos 22 anos, depois de ter feito uma rápida carreira teatral. Foi colaborador da revista humorística *Mad* e é autor de peças para teatro, roteiros de cinema, poemas e contos, ainda inéditos. Mas, como ele próprio diz, “esperem para ver!”.

S U M Á R I O

1. <i>A velha maluca</i>	9
2. <i>A maldição</i>	12
3. <i>“Morta com dois furos no pescoço”</i>	13
4. <i>O criado do vampiro</i>	16
5. <i>Um corpo que some</i>	21
6. <i>O cúmplice</i>	23
7. <i>Flagrante delito</i>	29
8. <i>Toninho em apuros</i>	31
9. <i>O vampiro ressuscitou?</i>	34
10. <i>“Eu incinero vocês!”</i>	38
11. <i>Depois da tempestade...</i>	39
12. <i>Ferretti e Elias</i>	42
13. <i>De volta ao edifício</i>	46
14. <i>Funerária Além da Vida</i>	49
15. <i>A mansão do vampiro</i>	52
16. <i>A prova está no caixão</i>	54
17. <i>Por um triz</i>	58
18. <i>Vovó Dalila!</i>	62
19. <i>A passagem secreta</i>	65
20. <i>Era uma vez uma alma penada</i>	72
21. <i>Os gatos justiceiros</i>	76
22. <i>Que cheiro tem a morte?</i>	81
23. <i>Dois gatos com uma cajadada só</i>	86
24. <i>O nome dele é Cristóvão Lee</i>	91
25. <i>As pedras são autênticas</i>	95
26. <i>A vingança do vampiro</i>	98
27. <i>Tiros no escuro</i>	106
28. <i>Morte ao vampiro</i>	112
29. <i>Toninho, o gênio</i>	117

Lopes dos Santos

**NA MIRA
DO VAMPIRO**



A VELHA MALUCA

— Anda, moleque!

— Calma, Duda, não dá mais! Não tá vendo que os galhos de cima são finos? — reclamava Toninho ao lado de Duda.

Postados num dos galhos da mangueira, tentavam alcançar as frutas mais acima.

Eram aproximadamente nove horas de uma bela manhã e os meninos haviam decidido trocar o hábito diário da pelada por um pouco de aventura.

— Olha, Toninho! Tá cheio de manga ali daquele lado, rapaz!

— Ô Duda, não vê que não dá pra subir naquele galho? A gente vai ter que descer pra tentar com uma vara de bambu.

Duda e Toninho encontravam-se na casa de dona Carmem, na rua do Cortiço, a uns três quarteirões da casa deles. Costumavam chamá-la de “velha maluca”, embora ela não tivesse nada de louca.

— Quantas mangas a gente já pegou? — perguntou Duda na expectativa.

— Olha lá no chão. Tem uma porção caída — retrucou Toninho, indicando o local onde estavam as frutas esparramadas. — Não precisa pegar mais, nós já temos muitas — concluiu ele, taxativo.

— Vamos pegar algumas goiabas, então — sugeriu Duda.

— Vamos nessa...

Começaram a descer da mangueira.

A casa onde estavam era quase uma mansão, porém um pouco desgastada pelo tempo, com um diminuto jardim na frente e um imenso pomar nos fundos. Duda e Toninho estavam justamente na parte dos fundos, e, ainda que o pomar estivesse abandonado, isso não prejudicava o desenvolvimento das árvores. Frutificavam à vontade: além das mangueiras, alvo dos dois pequenos, goiabeiras, sapotizeiros, cajazeiras, abacateiros, entre outras.

— Vamos pegar também alguns abacates ali naquele pé. Tá cheio! — falou Duda em tom de ordem.

— E as goiabas? — lembrou Toninho.

— São mais fáceis de pegar, depois a gente volta pra elas.

Dito isso, os dois dirigiram-se aos abacateiros...

Kid Pulga, o vira-lata de estimação de Duda, como bom ajudante que era, ficara do lado de fora para alertá-los no caso de alguém se aproximar. Seu desempenho era perfeito: dormia profundamente. Várias pessoas circulavam pela calçada sem serem percebidas, e até mesmo uma atraente *poodle* que passava com sua dona deixou de ser notada pelo eficiente vigilante.

Kid Pulga era aproximadamente do tamanho de um pequinês, de focinho comprido, pelo branco com algumas manchas pretas dispostas pelo corpo e, o que mais chamava a atenção, manchas negras em volta dos olhos, como uma máscara.

Duda e Toninho já estavam no abacateiro, quer dizer, Toninho havia subido, enquanto Duda aguardava tranquilamente embaixo.

— Toninho, sacode aquele galho ali que tá cheio de abacate madurinho — voltava a ordenar Duda.

— E você vai ficar fazendo o que aí embaixo? — perguntou Toninho com certa indignação.

— Eu vou catar os que caírem — devolveu Duda, esboçando um sorriso debochado.

— Você é engraçado! Eu me arranho todo tentando subir na árvore e você só vai ter o trabalho de catar os abacates? Essa é boa! — chiou Toninho, enquanto ia se movendo por entre os galhos do abacateiro.

Toninho era um menino dos seus dez anos de idade, pouco mais de metro e meio de altura. Sua mãe, Neusa, era o braço direito de dona Amanda, a mãe de Duda. O garoto tinha braços e pernas bem treinados no serviço caseiro, e quando se tratava de escapar às confusões criadas por Duda, era ele quem tinha sempre um bom truque tirado da cartola. Não possuía a mesma criatividade de Duda, mas estava muito mais amadurecido para a vida que o amigo.

— Pare de reclamar, moleque! A parte que me cabe é a direção intelectual da operação — arrematou Duda, um pouco mais empolado que o normal. — Fica frio que você não entende nada de estratégia, tá?

Duda tinha a mesma idade de Toninho e era um pouco mais baixo que ele. Seus olhos castanhos demonstravam uma sapiência fora do comum. Tinha cabelos lisos, também castanhos, que a mãe exigia estivessem sempre muito bem cortados, e a pele era ligeiramente morena de sol.

O garoto adorava quadrinhos e histórias policiais, além de ser espectador assíduo de televisão. Tudo isso lhe dava material de sobra para alimentar sua poderosa imaginação, daí o hábito de falar difícil de vez em quando, coisa pouco comum na sua idade.

Determinado, usava de todos os artifícios para convencer as pessoas a ajudá-lo em seus “casos”: desde chantagem emocional até os argumentos mais absurdos para justificar seus atos; acrescenta-se a isso um talento fundamental para conquistar as pessoas, um carisma.

Toninho continuou a se movimentar pelos galhos do abacateiro sob os olhos atentos de Duda, que esperava pelas frutas na segurança do chão.

Enquanto isso, na surdina, a “velha maluca” os observava. Ela conhecia muito bem os dois ladrõezinhos...

Os primeiros abacates despencaram e Duda começou a recolhê-los.

— Vai segurando aí, Duda! — gritou Toninho.

Bastou ele sacudir novamente outro galho para mais abacates precipitarem-se sobre o amigo. O pé estava repleto.

— Caramba, Toninho! Tem abacate paca!

— Então vou descer — avisou o garoto, escorregando pela árvore.

— Tá legal — concordou Duda, admirando as frutas aos seus pés.

Toninho desceu com rapidez, indo direto à goiabeira ao lado sem esperar nova “ordem” de Duda.

Dona Carmem continuava a observá-los.

Corriam boatos pela vizinhança de que aquela mulher solitária havia sido muito rica, mas o interesse dos filhos em seu dinheiro, somado ao desprezo que lhe legaram após a herança, distribuída ainda em vida, fizeram com que ela caísse em profunda depressão, recusando mesmo os amigos mais chegados. Assim, ela demitiu todos os empregados e doou tudo o que lhe restara a instituições de caridade, passando a levar uma vida muito humilde.

Duda lembrava-se dessa história contada por sua avó. Toninho, no alto da goiabeira, fazia chover goiabas sobre Duda, que ia catando todas as que podia.

— Caramba, Toninho! Acho que a gente não vai ter como levar todas essas frutas pra casa.

— A gente dá um jeito!

E continuava a despejar as goiabas, enlouquecido de alegria.

Duda, no mesmo estado de espírito, ia recolhendo tudo na medida do possível.

De repente, no meio da festa, a dona do pomar surgiu do nada e os surpreendeu...

2

A MALDIÇÃO

— Ai! — berrou Duda, surpreso. — Sujou, Toninho! É a velha!

Duda saiu correndo pelo pomar com dona Carmem atrás dele. Aos poucos ia se livrando das frutas que carregava.

— Seu ladrão! Eu vou te ensinar a não invadir a casa dos outros! — ameaçava dona Carmem.

Toninho, no alto da goiabeira, ficou imóvel, esperando passar despercebido. Mas depois, pensando que o companheiro pudesse estar em apuros, saltou da árvore e, como uma perereca, quicou no chão e emendou numa veloz corrida.

Dona Carmem, com uma agilidade fora do comum para a sua idade, tentava pegar Duda, que a driblava por entre as árvores.

— Vem cá, seu capeta! Eu te pego! — berrava ela de raiva.

Toninho passou pelos dois como um foguete, desviando a atenção da mulher para si.

Duda aproveitou-se da confusão provocada pela aparição repentina de Toninho e correu em direção ao portão da frente, seguido pelo amigo.